

# TENSIONAMENTO GEO-ONTOEPISTÊMICO-LINGUÍSTICO ENTRE O PATRIARCADO E A ESPIRITUALIDADE DA MULHER NEGRA\*

Tânia Ferreira Rezende\*\*



**Resumo:** neste artigo, problematizo a relação entre corpo-território-espiritualidade-linguagem-conhecimento e as políticas de controle dos corpos, no percurso entre a Dica dos Anjos e a Madrinha Dica, no rio Peixe, no povoado de Lagolândia, município de Pirenópolis, Goiás. Discuto o processo de perseguição política e de racismo religioso à líder espiritual e política Madrinha Dica, em que os padres redentoristas usam imagens de controle para incitar o ódio dos fiéis contra Dica. Com base nisso, o objetivo da discussão é identificar e interrogar as estratégias de atuação do racismo religioso, geo-ontoepestemologicamente marcado e propor maneiras de interromper a atuação da colonialidade do poder-saber-ser sobre o corpo socialmente racializado. A metodologia adotada é a busca de insurgências de sentidos ocultados, por meio de narrativas da trajetória de Dica, para o estabelecimento de conflitos de percepção e o tensionamento da narrativa única sobre mulheres negras.

**Palavras-chave:** Benedicta Cypriano Gomes. Mulher negra. Feminismo espiritual. Racismo religioso.

GEO-ONTOEPISTEMIC-LINGUISTIC TENSION BETWEEN PATRIARCHY AND BLACK WOMAN SPIRITUALITY

**Abstract:** in this article, I problematize the relation between body-territory-spirituality-language-knowledge and the body control policy, along the way between Dica dos Anjos and Madrinha Dica, in the Peixe river, in the village of Lagolândia, municipality of Pirenópolis, Goiás. I discuss the political persecution and religious racism process to spiritual leader and politician Madrinha Dica, in which the redemptorist priests use control images to incite the hatred of the faithful against Dica. Based on this, the purpose of the discussion is to identify and to interrogate the operation of the religious racism strategies, geo-ontoepestemologically tagged and propose ways of interrupt the

\* Recebido em: 30.06.2022. Aprovado em: 10.10.2022.

\*\* Professora na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. E-mail: taferez@ufg.br.



operation of the coloniality of power-knowledge-being on the socially racialized body. The methodology adopted is the search for insurgencies of hidden meanings, through narratives of the Dica's trajectory, to the establishment of the perception conflict and the tensioning of the single narrative about black women.

**Keywords:** Benedicta Cypriano Gomes. Black woman. Spiritual feminism. Religious racism.

**P**ensamos-sentimos e expressamos *amor*... Pensamos-sentimos e expressamos *morte*.... Enunciamos, em português, de forma maniqueísta, *amor* no masculino, representado como luz e claridade, e *morte* no feminino, representada como escuridão. São imagens que temos e que reproduzimos, quase sem nem perceber que o fazemos, dentro de uma estrutura binarista que herdamos, mesmo quando quebramos a expectativa e não reproduzimos seus pares opostos: *amor/ódio*; *morte/vida*.

Em suas representações estereotipadas, a morte é um substantivo muito mais concreto que amor, embora seja uma abstração, e está para o campo referencial do inferno e do demônio, assim como o amor está para o campo referencial do céu e de deus. Daí o jogo, claro/escuro, luz/sombra, bem/mal, muito explorado na arte, por exemplo, durante o barroco.

Essas representações criam imagens em nossas subjetividades que podem controlar nossas maneiras de ver a realidade. Por isso, devem ser tensionadas por formações enunciativas imagético-visuais. O *amor* pode ser sublimado pelo feminino, em uma das imagens de Nossa Senhora, da mãe, da avó, de uma criança, de uma flor etc., e a *morte* pode ser representada pelo masculino, na imagem de um esqueleto coberto por uma capa e um capuz escuros.

Tanto as representações naturalizadas quanto a estrutura binária que hierarquiza e valora as representações que temos da realidade podem ser tensionadas. Para isso, é importante criarmos conflitos de percepção, confrontando as imagens naturalizadas com outras imagens, não naturalizadas, conforme apresentado anteriormente. São cosmopercepções em luta e em disputa.

Dito de outra maneira, a linguagem, com palavras entrelaçadas ou com imagens encadeadas, em disputas duais, na arena das oposições ideológicas, cria, fortalece, consolida cosmopercepções. No caso específico, mencionado nos parágrafos precedentes, a linguagem, a serviço da cosmopercepção dominante, organiza uma estrutura mental para uma só percepção do mundo, mas que pode ser tensionada.

O colonialismo se apropriou e se valeu dessa potencialidade da linguagem, e um dos meios empregados pelos invasores de Abya Yala – Pindorama e Tapuietama, especificamente – para a colonização do poder-saber-ser (QUIJANO, 2010; LUGONES, 2014, 2008), através da colonização da linguagem (corpo, território, espiritualidade, conhecimento), para dominar as percepções (consciências, memórias, sentimentos, emoções, espiritualidades etc.), foi a *narrativa*.

A narrativa era e ainda é um importante lócus enunciativo para os povos originários de Abya Yala – as narrativas ancestrais originárias e das diásporas das matas e florestas – e para os povos sequestrados em África, traficados pelo Atlântico e escravizados nos territórios colonizados – as narrativas ancestrais das diásporas africanas ou da travessia atlântica. Equivale a dizer que a narrativa foi um importante lócus enunciativo para a colonização, da perspectiva do colonizador, e para os povos subjugados, de sua própria perspectiva para sua própria defesa. Se, por um lado, o colonizador se valia das narrativas como um instrumento de dominação, por outro lado, os povos em dominação se valiam das narrativas como defesa e salvaguarda de suas memórias, linguagens, saberes e espiritualidades. A narrativa se transformou, neste tempo-lugar colonizado, em um dos espaços de luta.

Para Bruner (1997, p. 41), a narrativa é um modo “pelo qual as pessoas organizam sua experiência no mundo social, seu conhecimento sobre ele e as trocas que com ele mantêm”. O princípio



da dominação, durante o colonialismo euro-judaico-cristão, portanto, foi substituir por sua narrativa única, de base religiosa e de feitos heroicos, a diversidade de narrativas dos povos indígenas e, posteriormente, dos povos africanos escravizados. Com isso, com a justificativa ideológica de salvar as almas dos “gentios” do fogo do inferno (espiritualidade, consciência e vivência com o sagrado) e os “selvagens” da ignorância (linguagem e conhecimento), os colonizadores criaram e introduziram a todos os povos uma metanarrativa sobre o que é e como é o mundo, como uma única cosmopercepção e como uma única forma de organização e de comportamento social.

E assim, nós, que enunciamos o mundo em português, aprendemos, sobretudo por meio das narrativas religiosas, que existem o plano superior e o plano inferior; o bem e o mal; e que céu/deus/positivo/direito estão no plano superior, do bem, ao passo em que seus contrários estão no plano inferior, do mal. Aprendemos também que “o preço do pecado é a morte” e que todos/as nascemos com o pecado original, logo, somos todos/as mortais, mas o amor do pai é infinito e irrestrito. Por isso, a estrutura das línguas e das culturas românicas figurativizam o *amor* (branco, claro, luz) no pai, masculino, herói; e a *morte* (preta, escuridão) na mãe, feminina, pecadora.

A proposta desta discussão é problematizar a relação entre corpo-território-espiritualidade-linguagem-conhecimento e as políticas de controle dos corpos, para tensionar a malha enunciativa do poder geo-ontopistemológico-linguístico no espaço que se situa na complexidade entre a afro-religiosidade, o catolicismo “popular” e o catolicismo oficial. Com base nisso, o objetivo é identificar e interrogar as estratégias de atuação do racismo religioso, geo-ontopistemologicamente marcado no cerrado goiano, para pensar e propor maneiras de interromper a atuação da colonialidade do poder-saber-ser sobre o corpo da mulher socialmente racializada.

Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa “*Narrativas de mulheres que fizeram/ fazem o ser-tão-cerrado*”, e trata da trajetória e atuação espiritual de Benedicta Cypriano Gomes, a Madrinha Dica do Rio do Peixe, Lagolândia, Pirenópolis, Goiás. Durante sua pesquisa de mestrado, a estudante Luiza Beltrão Moraes realizou uma busca e revisão bibliográfica sobre as produções em torno da trajetória de vida de Benedicta Cypriano Gomes, além de pesquisas de campo, com narrativas orais. São produtos de sua pesquisa o Seminário *Memórias de Dica: a Madrinha dos Sertões*, em setembro de 2020, com cinco sessões gravadas disponíveis no YouTube<sup>1</sup>, um capítulo de livro intitulado *Memórias insurgentes de Dona Dica, a madrinha dos sertões* (no prelo), e a dissertação *Ainda a “Santa” do Rio do Peixe: considerações sobre o curso de um memoricídio*, defendida em 2021, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Chamou atenção no resultado da pesquisa de Luiza Moraes que a grande maioria das pesquisas e estudos sobre Benedicta Cypriano Gomes é de autoria masculina e minimamente da área de linguagem.

Como materialidade para interpretação, nesta discussão, e para instaurar conflitos de percepção entre a “narrativa única” (ADICHIE, 2009) sobre a espiritualidade das mulheres, por meio de “imagens de controle” (COLLINS, 2019; BUENO, 2020), principalmente das mulheres negras, fiz um *recorte denso nas consideradas narrativas-problematizadoras*<sup>2</sup>, selecionadas no acervo de estudos sobre Benedicta Cypriano Gomes, que foi possível organizar.

1 As cinco sessões estão disponíveis no canal do Obiah Estudos Interculturais da Linguagem no YouTube (<https://youtu.be/hPVpeCXxZRw>, <https://youtu.be/HGGmL3iKPC4>, <https://youtu.be/C6wmoi-ptrs>, [https://youtu.be/\\_vRjFIQ9A\\_Q](https://youtu.be/_vRjFIQ9A_Q), <https://youtu.be/B5roIU3gltw>)

2 Na metodologia de instauração de conflito de percepção, recorte denso é a edição das narrativas, por meio da seleção de excertos significativos, tendo em vista a temática e os objetivos da discussão, e que constituam um recorte narrativo; e narrativas-problematizadoras são narrativas que permitam tensionar as malhas socioenunciativas do poder, desestabilizando as “imagens de controle” e as “histórias únicas” sobre um povo, um fato ou um fenômeno. São narrativas que possibilitam instaurar conflitos na percepção que sustenta injustiças sociais.



Assim, fazendo coro com Cusicanqui (2021, p. 45), tive o cuidado de não reforçar o grafologocentrismo acadêmico e ousei enfrentar “a visão estreita da crítica acadêmica, obediente à noção de ‘verdade histórica’”, que desdenha do potencial criativo, interpretativo e veritativo das narrativas da gente da gente. Para mim, não vale só o escrito nem tão pouco só o gravado, embora reconheça sua importância. As narrativas que servem de base para o recorte denso que fiz são de relatos orais de um artista, quando então era meu professor de violão em Goianésia, nascido e criado em Lagolândia, e contemporâneo de Dona Dica; de uma das irmãs de Dona Dica, moradora de Lagolândia<sup>3</sup>; e também nos estudos acadêmicos de Vasconcellos (1991), um trabalho pioneiro, cujo autor foi um engajado ativista defensor das lutas do campo; de Rezende (2011), historiadora e professora de história da rede pública de educação básica, moradora de Lagolândia, defensora da memória de Dona Dica; e na dissertação de mestrado de Moraes (2021), pesquisadora engajada, que me inspirou a me dedicar à pesquisa sobre as narrativas de Madrinha Dica.

A metodologia adotada é a da busca de insurgências de sentidos, por meio da escavação, desnudando “as formas escondidas, soterradas, dos conflitos culturais que carregamos e que não podemos racionalizar, nem sequer conversar a respeito” (CUSICANQUI, 2021, p. 30). Para tanto, conforme mencionado anteriormente, selecionei e editei narrativas da trajetória de Dona Dica, desde os testemunhos orais (fontes primárias para a pesquisa sociolinguística) até as narrativas construídas a partir de fontes primárias ou secundárias escritas ou orais, e já publicadas. A partir da interação interpretativa com os recortes de narrativas, procuro estabelecer, tanto quanto possível, os conflitos de percepção, uma metodologia adotada para o tensionamento entre a narrativa única, oficial, por meio de imagens de controle sobre mulheres negras, e diferentes narrativas sobre eventos e fenômenos tratados como iguais ou semelhantes, ainda que não o sejam.

O tensionamento entre narrativas, através dos conflitos de percepção, se faz importante, pois entendo que as narrativas são construídas e resultam de seus processos de construção, isto é, o tempo, o lugar e a perspectiva de quem narra, sendo, portanto, atravessadas por ideologias, afinal, não há teorias nem pesquisas ou estudos imparciais que resultem em verdades neutras ou objetivas. Um exemplo de conflito de percepção já ensaiei anteriormente com a estrutura dos sintagmas nominais do português [*o amor*] e [*a morte*], em que foi tensionada a percepção sobre gênero, ainda que não, ainda, a percepção sobre cor associada à raça – o amor cria associação com a raça branca, e a morte cria associação com a raça negra. Fica a sugestão.

Em resumo, assumo-se ou não, defendo que os fatos, os eventos ou fenômenos não se narram, eles são narrados por um corpo, um eu-enunciativo, marcado na narrativa, situado em um tempo-lugar e que emite um ponto de vista, de uma dada perspectiva, sustentada em teorias atravessadas por ideologias.

Na seleção do referencial e das inspirações teóricas, que sustentam a interpretação (ou reinvenção) e a discussão das narrativas, priorizei os conhecimentos construídos e compartilhados por pessoas próximas às histórias narradas e as narrativas, de algum modo, mais afetadas pelo envolvimento do/a narrador/a com as personagens ou com as histórias narradas. No estudo de narrativas, concebidas como lócus enunciativo, seguindo Souza e Duboc (2021), é fundamental “trazer o corpo de volta e marcar o não marcado” na enunciação. É o que pretendo fazer.

O conceito “imagens de controle”, do pensamento de Collins (2019), divulgado no Brasil por Bueno (2020), é a principal categoria que adoto para a interpretação e discussão dos eventos e fenômenos narrados em torno de Benedicta Cypriano Gomes. Com base nas autoras, entendo que as “imagens

3 Por uma questão de ética e por compromisso e respeito com as pessoas envolvidas, seus nomes são omitidos para preservar suas identidades. O projeto *Narrativas de/com Mulheres que fazem o Sertão-Cerrado* é um eixo do projeto guarda-chuva Português Indígena do Brasil Central: Documentação e Estudo das Práticas Sociolinguísticas de Aldeamentos Indígenas, vinculado à Rede Feminismos de Terreiro.



de controle” me permitem tensionar a dimensão ideológica do entrelaçamento do corpo-território-espiritualidade ao racismo e ao sexismo como sistemas de manutenção da colonialidade.

Segundo Cusicanqui (2021, p. 29), a função peculiar da linguagem no colonialismo não é designar, é encobrir. Assim, nosso compromisso, agora, é desvelar e escancarar o que as palavras, sobretudo, os nomes, encobrem. Com esta discussão, portanto, espero, ainda que minimamente, *identificar* e *interrogar* as estratégias de atuação e de manutenção da colonialidade do poder-saber-ser, por meio da linguagem, e, se possível, apontar ações para *interromper* os efeitos da colonialidade. Essa é a *estratégia dos três “i”* (identificar-interrogar-interromper), proposta em Menezes de Souza e Duboc (2021).

## O DIREITO GEO-ONTOEPISTÊMICO À EXISTÊNCIA ESPIRITUAL



Benedicta Cypriano Gomes, Dica dos Anjos (1905-1970) nasceu na fazenda Mozondó, em Lagolândia, município de Pirenópolis, Goiás, a 13 de abril de 1905, na semana dos Dias Grandes de Nosso Senhor.

Nasceu e não chorou, morreu e não passou  
Por quatro vezes morreu e só em uma desencarnou  
Virou estrela e ancestralizou  
Inocente, guiada e pelos anjos guardada  
Pelo encantamento das mãos sagradas  
Pela magia da palavra encantada  
Ao mundo trouxe vidas e dores aliviou  
Feita mulher, do Sertão fez-se Madrinha  
E nunca a coronel pediu benção ou se curvou  
Feita Madrinha, fez-se mulher-dona-da-palavra e do lugar  
Enfrentou governo, padre, e fazendeiro, e a todos declarou  
A terra é dádiva de deus, nenhum homem pode dela se apropriar,  
a terra é pra alimentar quem tem fome e nela quer trabalhar

*O céu estava azuzim, clarim de doer as vistas, cheio de muitas nuvens, daquelas que parecem algodão. Nisso, foi surgindo de dentro das nuvens uma imagem, difícil de enxergar o que era, de pouco em pouco, foi se mostrando... Era um anjo? Era... Era um anjo! Sem descer, no ar feito uma andorinha, cantando que nem rouxinol, ele anunciou: Sua filha lá vem chegando, com uma missão muito especial autorizada por nosso pai celestial, mas o senhor, seu Benedito, terá de ser forte para ajudar a menina no cumprimento de seu dever divino.*

*Bão, foi nada não, o anjo terminou seu palavrório e sumiu nas nuvens feito fumaça.*  
– *Uai, sô, já acordô, umas hora dessa, sentada nesse banco duro?*  
– *Num preguei os oio nadinha, sô. A menina que nunca mexe, sanoite num mim deu sossego. E ocê, madrugô pra quê, vai carread?*  
– *Não, foi um sonho, sonhei com um anjo, nem te conto...<sup>4</sup>*

4 A estetização narrativa da história de vida de Madrinha Dica, em verso e em prosa, é de minha autoria, a partir das narrativas orais que me foram contadas por seu contemporâneo, meu professor de violão, e sua irmã.



Dali a poucos dias, narram Waldetes Rezende e Luiza Moraes, a menina nasce, mas não dá sinais de vida, e a parteira, depois de ver fracassadas suas rezas, simpatias e mezinhas, informa à mãe que a “anjinha não vingou”, estava morta. Nada mais restava senão velar e encomendar o corpo. Com cerca de vinte e quatro horas de nascida, com o enterro já encomendado, a menina chorou, chorou alto, gritou ao mundo sua chegada, anunciada em sonho pelo anjo. Seu Benedito Cipriano Gomes, o pai, e dona Benedita Francisca da Abadia, a mãe, católicos praticantes, devotos de São Benedito, deram o nome do santo à filha e prometeram, desse dia em diante, celebrar seu dia enquanto vida tivessem<sup>5</sup>.

A menina Dica segue sua jornada terrena, crescendo miúda, franzina, mas sem apresentar moléstias. Aos dois anos de idade, o evento de morte do corpo se repetiu e, novamente, Dica foi dada por morta, o funeral foi preparado e, enquanto era velada, com familiares e pessoas amigas da região em volta do caixão, rezando, “Dica tossia e de sua boca golfadas de sangue e pus saíam sem que pudessem ser contidas”. Essa cena assustou as pessoas, ao mesmo tempo em que trouxe alegria e esperança aos pais. Com o fim do acesso de tosse, uma voz, que não lhe pertencia, falou através de Dica: “o sangue derramado livrou-a do pecado e o pus a limpou das impurezas” (REZENDE, 2011, p. 16).

A partir desse acontecimento, a segunda morte e ressurreição da menina Dica, instaurou-se sua condição de criança especial, com uma missão celestial a cumprir na terra, anunciada em sonho a seu pai. Depois da limpeza espiritual, Dica passou a ter poderes de cura, por meio da imposição das mãos sobre a cabeça ou da ferida da pessoa necessitada, além do poder de falar com os espíritos de crianças desencarnadas, os “Anjos Celestes”, espíritos da prima e do primo dela. Foi, por isso, chamada de “Dica dos Anjos” (REZENDE, 2011, p. 16) pelo povo da redondeza. Essa foi uma imagem construída a partir de sua espiritualização, entrelaçando as narrativas de sua missão, anteriores ao seu nascimento, às suas vivências com suas performances espirituais.

Com a limpeza espiritual, operada pelos guias (“o sangue derramado livrou-a do pecado”), Dica ficou pura do pecado original, com o qual toda pessoa nasce, e se tornou limpa de toda e qualquer outra malícia do mundo (“e o pus a limpou das impurezas”). Uma vez purificada, entretanto, ela deveria se conservar inocente e pura, isto é, virgem, seu corpo jamais poderia ser violado ou ela perderia seus poderes espontâneos de cura. Essa foi a condição exigida pelos guias espirituais. É possível perceber aqui a astúcia da trama colonial patriarcal para o controle do corpo da mulher, ainda que uma criança, sustentada no dogma cristão católico. Ao mesmo tempo que demoniza e nega, reconfigura para se apropriar da espiritualidade outra inferiorizada, por meio da apropriação e controle do corpo espiritualizado.

Pessoas da vizinhança e de mais longe começaram a ir até a menina Dica em busca de alívio e cura. Seu pai, apesar de ter sido advertido pelo anjo, em sonho, antes de seu nascimento, não conseguiu lidar com a situação e a levou para morar com seus avós paternos, em Lagolândia. Lá, aos 15 anos de idade, o fenômeno, mais uma vez, se repete, Dica morre e ressuscita, e a história se espalha: “na Lagoa [Lagolândia], tem uma menina especial, que benze só com as mãos, cura, e vive morrendo”; “ela é um anjo, mas gosta de morrer, de vez em quando, pra matar saudade de seus parentes anjos. Depois ela volta”. Sua história foi se espalhando e mais e mais pessoas chegavam em busca de alívio e cura.

A medicina, ancorada nos conhecimentos modernos ilustrados, explica esse fenômeno como *catalepsia*<sup>6</sup>. A ciência moderna, secularizada, mas ainda aliada à religião, invalida os saberes das pes-

5 Ainda atualmente, é celebrada a festa de São Benedito em Lagolândia, segundo Waldetes Rezende (2011, p. 141), na terceira semana de julho. São Benedito, o santo preto ou o santo mouro, na igreja católica, tem seu dia celebrado em 4 de abril e em 5 de outubro. No Brasil, São Benedito sempre foi um santo muito cultuado pela população negra e o dia mais comum de sua celebração é o 5 de outubro.

6 Na catalepsia, em geral, mas nem sempre, uma situação transitória, a pessoa fica totalmente incapaz de se mover e de falar e, em muitos casos, a pessoa deixa de respirar. Devido à falta de respiração associada à imobilidade do corpo, a catalepsia pode ser confundida com a morte. Por isso, houve a necessidade de velar o corpo por, pelo



soas, as testemunhas dos acontecimentos, dando-lhes, pelo ato de nomeação, um lugar no mundo: misticismo, credence, ignorância. A colonização do conhecimento esvazia o ser subalternizado, o/a diferente colonial, de sua espiritualidade, tornando-o/a matéria, objeto, força de trabalho, mão de obra. Os acontecimentos em torno de Dica, associados ao sonho de seu pai com um anjo, anunciando sua missão na terra, compõem a narrativa problematizadora, que enfrenta o conhecimento médico. Para as pessoas da fazenda Mozondó e de Lagolândia, Dica morreu e ressuscitou, foi um milagre, porque era ela uma “criança especial” e não uma menina doente. As pessoas que ouviam essa narrativa e a procuravam em busca de cura, acreditavam no milagre e não na doença.

Dica, já moça feita, orientada pelos guias e pelos Anjos Celestiais, espíritos de sua prima, a Rainha Silvéria, e de seu primo José Sueste, o Rei-de-Valia, recebia a todos/as que a procuravam, prestando-lhes socorro espiritual, alívio para as enfermidades, para as dores da alma, atendendo-lhes, também, as necessidades materiais, com alimentos, moradia e outros. Começou a se formar a República dos Anjos (Mozondó > Calamita dos Anjos > República dos Anjos), uma organização comunitária, onde a terra, uma dádiva divina, era de todos/as, não podia pertencer a poucos.

Em 1923, começaram os Conselhos, com preparação rigorosa de Dica para as sessões. A partir de então, ela passou a celebrar cerimônias de casamento e de batismo. Nos batizados, um dos Anjos era o padrinho e a própria celebrante era a madrinha, daí ser ela a madrinha de tanta gente. Com isso, Dica aumentou e fortaleceu sua liderança e influência, ser madrinha significava ser também defensora e redentora. A Madrinha, onde mandavam os padrinhos, comandando uma República, incomodou os donos do lugar: os políticos, os coronéis e os redentoristas.

Dica passou a sofrer perseguição de toda ordem. Dada a sua influência sobre seus/suas seguidores/as e sua assertividade no enfrentamento ao poder local, algumas alcunhas foram lhe imputadas: “Antônio Conselheiro de Saia”, “Caudilho de Saia”, “Coronel”, revelando a imagem que se faziam dela. Nomear é um ato de poder e pode potencializar ou aniquilar a existência de alguém, atribuindo-lhe imagens estigmatizantes. Segundo Collins (2019, p. 135), “como parte de uma ideologia generalizada de dominação, as imagens estereotipadas da condição da mulher negra assumem uma significação especial”. Assim, essas alcunhas eram ambivalentes, destacando, ao mesmo tempo, os poderes e a imagem masculinizada de Dica. Entretanto, “Dado que a autoridade para definir valores sociais é um importante instrumento de poder, grupos de elite no exercício do poder manipulam ideias sobre a condição de mulher negra” (COLLINS, 2019, p. 135). Dessa forma, as nomeações dadas pela Igreja a Dica criaram uma imagem única, monovalente, que desqualificavam sua existência, explorando, para tal, “símbolos já existentes ou criando novos”, como veremos.

A sociedade é governada por discursos: nos púlpitos, nos palanques, nas tribunas, pela imprensa, com ou sem armas, por medo ou sedução, que dominam ou controlam os instintos, as fraquezas e os estômagos das pessoas. Em Goiás, na república dos coronéis, trabalhadores/as eram controlados/as pelos fazendeiros, pelas armas e pelos estômagos, e pelo púlpito da igreja. O reduto da Madrinha Dica, que ela queria transformar na República dos Anjos, para ser a nova Canaã, às margens do Rio do Peixe, renomeado de Rio Jordão, enfraqueceu o púlpito da igreja e tirou o povo do alcance das armas dos coronéis e do trabalho análogo à escravidão em que viviam já no século XX. A nova organização recebeu também nova nomeação. O reduto foi uma boa escola e uma boa defesa contra os discursos oficiais dominantes.

Dica não era a imagem da mulher frágil e submissa. Era assertiva, desafiava o mandonismo da igreja e enfrentava os coronéis, essa era sua maneira de lutar por justiça social. Essa imagem foi a arma usada pelos Redentoristas para desmoralizá-la e o púlpito falou pela Igreja, pela tribuna e pelas armas, ao nomear Dica:

---

menos, 24 horas, pois nem sempre havia um diagnóstico com laudo médico, atestando a morte.



(1)

Ainda que a expressão não seja exacta porque nem a tal mulher é santa, nem de Jaraguá, contudo é assim conhecida uma moça hysterica, impostora, visionaria que vive lá para as bandas do Rio do Peixe. O povo ignorante e supersticioso se deixa prender por suas baboseiras e asneiras e em grande número para lá se dirige para ser baptisado, chrisnado e casado sob os auspícios da tal embusteira. É caso para intervenção da polícia. A tal mulher não passa de uma ignorante e hysterica que está se enriquecendo à custa do povo ignorante e propenso a cousas sensacionaes. É um grave peccado e imperdoavel estupidez acreditar nessas bobagens e seguir os seus conselhos tolos. Lembre-se da do Bomfim e da de S. Luzia do Parahytinga e não corram atraz de uma tal trapaceira (JORNAL SANTUÁRIO DE TRINDADE, 1924, grifo nosso).

(2)

Conforme notícias que recebemos continua a romaria ao Rio do Peixe em procura da tal moça dos anjos, que não passa de uma hysterica e tresloucada. O povo ignorante e supersticioso quer ser enganado e não aceita conselhos e esclarecimentos. Isso só servirá para os inimigos zombarem da credulidade do povo. A tal bruxa deu agora para conferencias e seguiu para o Muquem onde continuará a fazer das suas. Paes e mães de família, pessoas de longe, dirigem-se ao Rio do Peixe, novo rio Jordão, para serem por ella rebaptisados. Já se viu tamanha asneira! Novamente, é caso para a polícia intervir si não quizer uma repetição dos Canudos e dos Muckers (JORNAL SANTUÁRIO DE TRINDADE, 1924, p. 1, grifo nosso).

(3)

A tal santa, santa é modo de dizer, bruxa que Ella é, do Rio do Peixe, deu também para prohibir o trabalho no sabbado. Ninguém segundo Ella, deve trabalhar no sabbado, porque esse dia também deve ser guardado. E muitos bobos já estão praticando o seu conselho. Não é para admirar, pois muita gente desejaria que todos os dias fossem dias de guarda para nunca precisar trabalhar. Só Deus, e em seu nome a Igreja, pode determinar os dias de guarda. Uma tola e hysterica qualquer não tem direito para isso e os insensatos que observam essas determinações deveriam ser obrigados a alguns dias de trabalho forçado nas penitenciárias do Estado. Como é possível que no século XX haja ainda fanáticos que acreditam numa mulher doente e visionária? (JORNAL SANTUÁRIO DA TRINDADE. 1924, grifo nosso).

Batizada pelo povo, *Madrinha Dica* é um corpo político – é ela e as iguais a ela, como a “do Bomfim” e a outra, de S. Luzia”, e tantas outras e tantos outros, como os insinuados Antônio Conselheiro, de “Canudos”, e os “Muckers”, da Revolta de São Leopoldo. Da mesma forma é o povo que a segue – povo marcado, situado em um território político, também marcado (MIGNOLO, 2009), porque “não, ela não é de Jaraguá, ela é do Rio do Peixe”, município de Pirenópolis, o “rio Jordão”.

Esse corpo coletivo tem de ser combatido para o bem do próprio povo, “ignorante e insensato, que quer ser enganado”. Esse povo que não sabe se defender tem de ser defendido. Por isso, dado o perigo que *Madrinha Dica* representa e a fragilidade do povo, “É caso para intervenção da polícia”, “Novamente, é caso para a polícia intervir si não quizer uma repetição dos Canudos e dos Muckers”; e, se for necessário, que a repressão policial alcance o próprio povo, que, seguindo os conselhos da líder e por preguiça, não quer trabalhar aos sábados: “os insensatos que observam essas determinações deveriam ser obrigados a alguns dias de trabalho forçado nas penitenciárias do Estado”. A ameaça ao povo vem do púlpito, em nome dos fazendeiros, com a proteção do Estado.

Além das ameaças com a polícia e com a prisão, o corpo político *Madrinha Dica* é demonizado pela Igreja, por meio de atos de nomeação. As nomeações e adjetivações atribuídas à *Madrinha Dica*



e ao povo que a seguia, pela autoridade religiosa, criam o efeito de sentido de desqualificação, pela demonização, da imagem de Dica.

Houve, nessa época, um esvaziamento da romaria do Divino Pai Eterno, de Trindade, e isso preocupou a Igreja, daí a reação contra a romaria do Rio do Peixe: “Conforme notícias que recebemos continua a romaria ao Rio do Peixe em procura da tal moça dos anjos, que não passa de uma histerica e tresloucada”. Soma-se a isso, a nova ordem trabalhista no campo, em que o sábado é dia de descanso, estimulando a preguiça, pecado capital, a uma gente já dada como preguiçosa. Ademais, somente à Igreja compete determinar os dias de guarda. A autoridade da Igreja está ameaçada. O conflito aqui se estabelece entre o Rio do Peixe, a Igreja, o Estado e as regras do trabalho, portanto, os empregadores do campo.

Os padres Redentoristas, com sua autoridade, por meio do veículo de comunicação oficial da Igreja, o Santuário de Trindade, falam em nome da Igreja, do Estado e da sociedade (entenda-se, os fazendeiros e os políticos, a elite econômica). Ao empregar seu poder de nomeação, rebatizando Madrinha Dica, eles mobilizam os preconceitos e os estereótipos existentes nas memórias das pessoas para reacender as fagulhas do ódio em seus corações (consciências e subjetividades) contra a inimiga do status quo (da Igreja, do Estado e da sociedade), um perigo para o povo “ignorante” e “insensato”, que precisa ser salvo pela Igreja e pelo Estado, se preciso for, com a força policial.

Nesse contexto de enunciação, o emprego de “santa” pelos padres cria o efeito de sentido de deboche, de escárnio (MORAES, 2021), e “tal santa”, com a anteposição de ‘tal’ a ‘santa’, cria o efeito de sentido de falsidade, logo, os padres estão debochando e escarnecendo da falsidade, da falsa santa, e, assim, denunciando o anti-Cristo. O efeito de sentido final intencionado é a demonização da imagem da “moça dos anjos”, a Madrinha (uma madrinha não reconhecida nem legitimada pela Igreja), pois desobediente e atrevida, que desafia a autoridade do padrinho legitimado pela Igreja, o coronel. Ao mesmo tempo, desmoraliza a imagem de coronel da Madrinha frente ao povo que a assim via e batizou.

A “bruxa” e a “tal bruxa” semiotizam o demônio no corpo da Madrinha Dica, selando o efeito de verdade da palavra da Igreja sobre a “tal mulher” do Rio do Peixe. Assim como Eva e a serpente, no Eden, Maria Madalena, maculando a imagem de Cristo, e tantas outras, Dica era um mal a ser evitado e combatido. Era a bruxa sendo condenada à fogueira pela Igreja, séculos depois da inquisição. Se em “tal santa”, ‘tal’ cria o efeito de falsidade, de deboche e de escárnio, em “tal bruxa”, o efeito criado já é de “uma qualquer”, que não deve ser ouvida, como em “uma tola e histerica qualquer”, sem importância, insignificante, isto é, uma “mulher”, e somente os insensatos ouvem as mulheres.

Em sua discussão, Moraes (2021, p. 58) aponta a equivalência entre “tal santa” e “tal mulher”, objetivando a desqualificação de mulher, equiparando-a aos demais designativos desqualificadores empregados no Jornal pelos padres.

O núcleo do sintagma nominal “a tal mulher” tem o mesmo efeito de desqualificação e pejoração que os demais, antecidos pelo pronome ‘tal’. Equivale a dizer que, nesses enunciados, para a instituição eclesiástica, dado emprego de ‘tal’ como epíteto pejorativo, o nome mulher é desqualificativo tanto quanto “embusteira” e “trapaceira”, caracterizando no discursivo marcas da misoginia e do machismo (BARROS e BUSANELLO, 2019). Ou seja, um conjunto de práticas que tornam a fala autoritária pela interdição da fala feminilizada (GAMBETTA, 2001 *apud* BARROS; BUSANELLO, 2019, p. 3).

As nomeações atribuídas para designar e (des)qualificar os/as seguidores/as de Dica criam efeitos de redentorismo, têm o propósito de proteger e de salvar o povo do perigo e de cair na ridicularização do inimigo, como em “o povo ignorante e supersticioso quer ser enganado e não aceita conselhos e



esclarecimentos”, “Isso só servirá para os inimigos zombarem da credulidade do povo”, declara a voz dos Redentorista por meio do Santuário.

As imagens de Dica, criadas por meio de nomeações desqualificadoras, são semiotizações enunciativas de sua atuação no mundo, são “imagens de controle”. Para Bueno (2020, p. 78),

Imagens de controle são a justificativa ideológica que sustenta a continuidade dos sistemas de dominação racistas e sexistas que buscam manter as mulheres negras em situação de injustiça social. São uma forma potente de atacar a assertividade e a resistência de mulheres negras à sua objetificação enquanto o outro da sociedade. Ao retratar as mulheres negras através de estereótipos que as desumanizam, os grupos dominantes estabelecem uma miríade de justificativas que buscam perpetuar as iniquidades sociais e violências que eles impõem às mulheres negras em todo o globo. As imagens de controle fazem parte de uma ideologia generalizada de dominação, que opera com base em uma lógica autoritária de poder, a qual nomeia, caracteriza e manipula significados sobre as vidas de mulheres negras que são dissonantes daquilo que elas enunciam sobre si mesmas.

Com essas imagens, Igreja, Estado e elite econômica local condenam Dica, com o uso do aparato policial. O “santo tribunal”, no “púlpito sagrado”, acusou, julgou e condenou, sem dar direito à defesa, a “tal bruxa”. Esse acontecimento foi denominado de “Dia do fogo”, que haveria de queimar a “bruxa”.

O vestido tava pendurado na parede, todo furado. Era o vestido que Dica usava no Dia do Fogo e os furos eram das balas que atiraram nela. Ela usava o vestido, mas nenhuma bala que furou o vestido atingiu seu corpo. As balas pingavam de seu cabelo igual milho.

De tempos em tempos, durante as águas, o rio do Peixe enche. Naqueles dias, houve uma enchente muito braba e o rio do Peixe tava borbulhando de tão cheio. Havia prenúncio de coisa ruim no ar, foi feito o Conselho, como de costume. No Conselho, os Guias orientaram que pedras choveriam do céu, por isso, por nada nesse mundo, as pessoas deveriam sair de suas casas, porque em seus lares, estariam protegidos pelos Anjos Celestes. Quando pensa que não, lá na serra do cemitério, militares e jagunços, mandados pelos coronéis, começaram a atirar na vila e os homens, assustados e em defesa do lugar e da Madrinha, atiraram de volta. Muitos correram e se atiraram no rio cheio junto a Madrinha, pra fugir do tiroteio. Os que morreram baleados ficaram no chão pra ser enterrados, os que morreram afogados foram levados, alguns foram devolvidos, outros não. A Madrinha foi agarrada pelos cabelos e guardada pelos cipós. Dias depois, ela foi encontrada com vida. Foi presa, acusada de não morrer.

Depois de sofrer, juntamente com toda a vila de Lagolândia, uma terrível tentativa de homicídio, em que várias pessoas, de fato, pereceram, pesaram sobre Dica acusações de crimes qualificados no Código Penal de 1910, pouco diferente do Código Penal de 1890, principalmente o Artigo 157. Eram criminalizadas todas e quaisquer práticas religiosas ou sagradas que não fossem as cristãs, com previsão de pena de prisão e pagamento de multa. Percebe-se a atuação da *patriz* de poder euro-judaico-cristã colonial, denunciada por Almeida (2021).

Durante seu depoimento, Dica denunciou o que lhe aconteceu cerca de dez dias antes do Dia do Fogo. Enquanto estava em transe, na casa de cura, um comerciante por nome Manuel Torres, apelidado de Caxeado, a quem ela ajudou e que morava na casa, a violentou.

Caxeado não apresentava um bom caráter. Alguns comentavam que era fugitivo da polícia, por crimes praticados em cidades por onde passara, mostrou-se caído de amores por Dica, que não



se interessou pelo rapaz. Porém, quando a moça se encontrava em estado de transe, segundo ela mais ou menos 10 dias antes do tiroteio, este se aproveitou de estar a mesma indefesa e abusou sexualmente dela, como relatou em seu depoimento, após ser presa, no episódio do “Dia do Fogo”. (REZENDE, 2011, p. 39)

Lembremos que, aos dois anos de idade, Dica sofreu seu segundo “episódio de morte”, quando passou pela limpeza espiritual e se tornou pura do pecado original e das malícias do mundo. Com isso, passou a fazer curas e a interagir com os Anjos Celestes e os guias. Justamente, antes do “Dia do Fogo”, ela é violentada, seu corpo é violado e,

Ao perder a inocência, Dica passa certo tempo sem ter as manifestações dos Guias. A violência sofrida foi um sofrimento físico e moral para ela, sendo que já havia sido determinado pelos Guias que o seu corpo não deveria ser violado, pois assim perderia o dom das curas espontâneas que aconteciam até aquele momento. Assim, não foi surpresa que após o estupro, suspenderam-se as manifestações dos Guias, segundo consta no Processo. (REZENDE, 2011, p. 39)

Daí em diante, Dica passou a curar as pessoas com ervas e rezas, não menos válidas e potentes. Entretanto, é importante considerar que Dica estava sendo perseguida e desmoralizada com imagens de controle, como “bruxa” (“tal bruxa”, “tal santa”). Dessa forma, ter suspensas as manifestações dos Guias e o dom das curas espontâneas, ainda que ela continuasse a curar com as ervas e com as rezas, confirmou a imagem de “falsa santa” e de “bruxa” que os redentoristas pregavam.

O fato de Dica ter seus poderes espirituais, pretensamente, enfraquecidos, encorajou a força das armas a atuarem e a ameaça, tantas vezes, enunciada, de usar a força policial, se consolidou. Isso mostra que, apesar de a Igreja, o Estado e a elite econômica desqualificarem enunciativamente a espiritualidade de Dica, acreditavam em seus poderes espirituais. Por isso, consideraram necessário desarmá-la, violando seu corpo, tirando sua inocência, para atacá-la. Para tanto, atuou a “cumplicidade masculina”, pois o mesmo homem acolhido e amparado por Dica foi quem a ultrajou em nome do poder local e, covardemente, fugiu durante o ataque no Dia do Fogo.

O poder é masculino-branco, a cumplicidade masculina e a cumplicidade branca sustentam e mantêm o poder masculino-branco. O “pacto narcísico da branquitude” (BENTO, 2022) e, do mesmo modo, o da masculinidade, objetificam a mulher e, mais ainda a mulher socialmente racializada, e quer aniquilar a mulher assertiva. A violência contra a mulher é um ato político de imposição e de manutenção de poder. Quando a violência, como no caso de Dica, pretende, intencionalmente, a deposição ou o enfraquecimento espiritual, de uma espiritualidade negada pela religiosidade constituída, decorre o preconceito e a intolerância, no caso de Dica, o racismo religioso (NOGUEIRA, 2020).

A violação do corpo de Dica modificou sua espiritualidade e suas performances espirituais, e a tornaram social e politicamente mais assertiva e atuante. Ela se organizou de forma mais defensiva, inclusive comandando um exército masculino. Com isso, a despeito das perseguições que sofria, fez alianças mais assertivas com o Estado, lutando por Goiás nas revoluções de 30 e de 32, e, também, junto ao “Batalhão Patriota” ou “Coluna Caiado” para impedir a entrada da Coluna Prestes em Goiás.

Dica intentava com as alianças minimizar as rejeições e as perseguições. Entretanto, para todos os efeitos, as perseguições a ela eram por parte da igreja católica, e sua atuação, lutando ao lado das forças militares governistas, não serviu para diminuir a perseguição dos padres através do jornal Santuário de Trindade, jogando o povo contra ela, afinal, se a luta armada não era para mulheres, era menos ainda para uma “tal santa”:



E a Dica dos Anjos? Nem é bom fallar. Affirmam pessoas que a viram na Capital durante os dias de revolta que o seu procedimento é semelhante ou mesmo peor o que de uma marafona ou prostituta. E foi atrás de uma tal “santa” que correram centenas de pessoas de toda a parte do nosso estado (SANTUÁRIO DE TRINDADE, 1925).

O efeito de sentido criado pelos enunciados é “vejam atrás de quem, de que tipo de ‘santa’, as pessoas estão correndo”. As pessoas ficam escandalizadas, nem tanto por ela estar pegando em armas e se envolvendo em batalhas, mas por comandar homens e pelo fato de os homens aceitarem ser comandados por ela, uma mulher (REZENDE, 2011). Nesse contexto, a imagem que os redentoristas criam de Dica se aproxima da imagem da “matriarca”, discutida por Collins (2019, p. 146ss).

A influência e a força política de Dica foram tamanhas no estado e no país que, embora não tenha nunca conseguido assumir uma cadeira no executivo ou no legislativo em Goiás, seu marido Mário Mendes foi suplente de deputado (1935-1937) e teve mandato de prefeito em Pirenópolis (1934-1937). Ainda assim, nem mesmo o fato de ser arrimo político de seu marido e de ser a mulher assertiva e influente que era a impediu de ser objetificada, ao ponto de ser tratada como mercadoria pelo próprio esposo.

Mário Mendes, marido de Dica e pai de suas quatro filhas e de seu filho, a negociou, vendendo-a por três vezes. Nas duas primeiras vezes, o plano de Mário Mendes deu certo, vendeu e não entregou, pois Dica se recusou a ser entregue. Na última vez, entretanto, ela sabotou o plano, seguindo seu comprador, Francisco Luís Teixeira, levando suas filhas e seu filho (REZENDE, 2011; MORAES, 2021).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A colonialidade se manifesta na continuidade e nos esforços de manutenção dos efeitos da colonização. É, portanto, segundo Almeida (2021), a sustentação da *patriz* de poder colonial na vida cotidiana, e se atualiza por diferentes maneiras. Podemos pensar também que a colonização é a regência, pela lei, pelas regras e normas, e a colonialidade é a lógica, assim como a cristandade é concepção de vida geradora de epistemologia e de cosmopercepções (GROSFOGUEL, 2016).

A estrutura organizacional de mundo herdada à colonização e mantida pela colonialidade é binária e hierarquizada. Ou seja, a estrutura social está dividida em duas partes: de um lado, ideologicamente, o lado direito (Cristo está sentado à direita de Deus, pai, todo poderoso...), está tudo o que se considera superior (certo, correto, bonito, melhor) e, de outro, o lado esquerdo, está o que se considera inferior (errado, incorreto, feio, pior).

Também o tempo e o espaço foram colonizados a serviço da dominação do “novo mundo” pelo velho mundo: de um lado, o “tempo zero”, superior, representado pelas “grandes descobertas” e, depois, pelo Greenwich, em Londres (MIGNOLO, 2017, p. 13); de outro lado, o tempo do atraso e do primitivismo, nos territórios “descobertos” (invadidos, saqueados, usurpados); e, de um lado, o espaço superior, a Europa, de outro, o espaço inferior, as periferias da Europa, o lugar primitivo, selvagem, pagão. A cada tempo e espaço corresponde um corpo, com os mesmos valores do tempo e do espaço, também, ou colonizador ou colonizado.

Com a invenção e a colonização da América, a Europa ocupa o centro do mundo que ela mesma inventou, organizou e especializou. Do mesmo modo, na Europa, estão o agora e o futuro que ela mesma inventou, ao passo que nos territórios colonizados estão o primitivismo e a selvageria a serem corrigidos. A Europa é o mundo (espaço) civilizado que acaba de ser inventado, assim como os critérios de civilidade, isto é, a língua (espanhol, português e italiano), em sua formalização escrita, a organização social política (monarquia) e a fé (euro-judaico-cristã). Há um mundo incivilizado a ser salvo (civilizado, modelado) e o homem europeu, cristão, é o salvador desse mundo.



Se o Renascimento inventou a Idade Média e a Antiguidade, instalando a lógica da colonialidade ao colonizar o seu próprio passado (e ao arquivá-lo como a sua própria tradição), o Iluminismo (e a crescente dominância dos britânicos) inventou o Greenwich, remapeando a lógica da colonialidade e colonizando o espaço, localizando o Greenwich como o ponto zero do tempo global. [...] A colonização do tempo e do espaço são fundamentais para a retórica da modernidade: o Renascimento colonizou o tempo ao inventar a Idade Média e a Antiguidade, assim se colocando no presente inevitável da história e preparando o terreno para a Europa se tornar o centro do espaço. Hegel concluiu essa narrativa ao ter um personagem principal, o Espírito, viajando do Oriente e pousando nos presentes da Alemanha e Europa, o centro do mundo. (MIGNOLO, 2017, p. 13)

Se para a Europa, o passado (inventado) é o lugar da tradição, para suas periferias, o passado (também inventado pela Europa), com base em critérios coloniais de tempo, é o lugar do primitivismo, do atraso e da selvageria. O tempo é fragmentado e nomeado: Antiguidade, Idade Média/Renascimento, Idade Moderna/Iluminismo etc. Nomear (classificar, categorizar, identificar) é um ato de poder criador inventado pelo próprio dominador. Nesses atos de dominação, a fé – uma energia de vinculação, relação e vivência com o sagrado – foi também colonizada.

Várias dualidades foram criadas e mantidas pela lógica da colonialidade, opondo o que é superior ao que é inferior, como civilizado/incivilizado, culto/inculto, cidade/campo ou aldeia e clássico ou oficial/popular. Assim, temos, por exemplo, a língua/o português/a fala oficial e a língua/o português/a fala rural/popular; a religiosidade/o catolicismo oficial e a religiosidade/o catolicismo rural/popular. O ‘rural’ é uma localização geográfica e uma situação com valor social, ao passo que o popular remete a estrato social e pertencimento cultural e identitário. Em resumo, nessa hierarquização, tudo o que é do rural e do popular é classificado como menor, inferior ou mesmo desqualificado.

É assim, dada a colonialidade do poder-saber-ser, que a atuação política e as vivências e práticas espirituais afro-religiosas de uma mulher socialmente racializada, na área rural do interior de Goiás, incomodam a Igreja e são combatidas pelos representantes da fé cristã católica, pelos representantes políticos e pela elite econômica local.

Os padres redentoristas não aceitam as práticas e as performances espirituais de Dica e, por isso, demonizam a própria Dica, por meio do jornal Santuário de Trindade, meio de comunicação com os/as fiéis. Para isso, se valem de atos de nomeação – “a tal santa”, “bruxa”, “a tal bruxa” – ativadores de imagens de controle, que, assim como a “matriarca”, discutida por Collins (2019), com base nas tensões raciais nos Estados Unidos da América, ativam o ódio coletivo contra Dica, desqualificando seu existir.

Dessa forma, com as imagens de controle, as autoridades locais, justificam ataques criminosos contra Dica e toda a vila onde ela mora e atua, culminando no acontecimento nomeado de “Dia do Fogo”, assim como justificam sua prisão e de seus seguidores, com base no Art. 157 do Código Penal de 1910. Ou seja, justificam a criminalização das vítimas de um ataque criminoso por parte da polícia, autorizado pela justiça, a mando do Estado.

Benedicta Cypriano Gomes, nascida em 1905, era mulher negra pobre, da área rural, social e espiritualmente racializada, mobilizou multidões e incomodou as elites locais, chamando a atenção do Brasil inteiro. Suas práticas, performances e atuação espirituais, sociais e políticas são indissociáveis. Segundo Vasconcellos (1991), o movimento em torno de Dica é considerado o último movimento messiânico do Brasil, o que aponta a importância de Dica para a história do Brasil e de Goiás.

A perspectiva das discussões realizadas sobre Benedicta Cypriano Gomes, a partir da abordagem do corpo-território-espiritualidade e do racismo espiritual, com base no racismo religioso (NOGUEIRA, 2020), e, por fim, com o conceito de “imagem de controle” (COLLINS, 2019; BUENO, 2020), formam a base de entendimento da opressão geo-onto-epistêmico-linguística que sofrem as mulheres no cerrado do Brasil Central. Dessa forma, podemos identificar e denunciar a colonialidade,



identificando esses esforços históricos de manutenção dos efeitos da colonização. Vejamos para que nos serve essa identificação, nesse momento.

Com as interações interpretativas (criativas, inventivas) das narrativas selecionadas para esta discussão, após a discussão realizada, levanto algumas questões, que teimam em silenciar e que, por isso mesmo, merecem ser ditas. A primeira é sobre a condição que os guias apresentam a Benedicta, aos seus dois anos de idade, quando ela passa pela limpeza espiritual, tonando-se pura do pecado original e das malícias do mundo, e passa a curar as pessoas com a imposição das mãos e com saliva. Ela deveria se manter pura, seu corpo jamais poderia ser violado, para que ela não perdesse o dom da cura espontânea, exigiram os guias. Essa advertência realmente se cumpriu quando seu corpo foi criminosamente violentado, estando ela inconsciente, portanto, incapaz de se defender e impedir a violência.

Somos testemunhas de que, diferentemente da mulher negra pobre ruralizada, social e espiritualmente racializada, a atuação política e as vivências e práticas religiosas cristãs, não propriamente nem somente católicas, de um homem branco, na área urbana do interior de Goiás, estabelece alianças de modo a não incomodar nem à Igreja nem às elites políticas e econômicas locais (<https://youtu.be/Sgnpy4X3pzc>). A este homem nenhuma condição foi imposta nada do que ele fez a vida toda lhe tirou o dom da cura espiritual. Com o confronto entre essas duas situações e o tensionamento entre a espiritualização do corpo-território de saber, eu convido a interrogar os valores coloniais mantidos e atualizados na vida cotidiana contemporânea.

A transformação de Dica ocorre depois que ela é violentada, ela encontra na atuação política e na luta armada outras formas de luta e de resistência contra/em defesa de um Estado, uma Igreja e de uma elite econômica criminosos. Ela se apropria das armas de seus inimigos para combatê-los. Por isso, ela é a “bruxa” e tem de ser queimada na fogueira, como a do “Dia do Fogo”. Assim são todas as mulheres assertivas, que têm de enfrentar essa tripla aliança: Estado, Igreja e elite político-econômica, são as muitas “paraíba masculina”, “mulher macho”, “macho fêmea”, “mulher do grelho duro”. São reconfigurações das imagens de controle no tempo e no espaço, são imagens que controlam nossa percepção do ser-mulher no mundo dos homens.

O enunciado “somos netas das bruxas que vocês não conseguiram queimar”, que circula nas redes sociais, principalmente de mulheres, é um chamado de atenção para a força das mulheres e um chamado para o agir contra as imagens de controle e contra as ações de violência incitadas pelo ódio decorrente das imagens de controle que o sistema androcêntrico branco cristão ainda consegue sustentar. É, principalmente, um chamado de atenção para as atualizações no tempo e no espaço das imagens de controle que ainda desqualificam as “matriarcas” (COLLINS, 2019). Dessa forma, procuro chamar para a formação de uma de fortalecimento para interromper os esforços de manutenção dos efeitos da colonização, ou seja, da colonialidade do poder-saber-ser, cumprindo com as recomendações da estratégia dos três “i” de Menezes de Souza e Duboc (2021).

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo da história única*. Tradução: Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019 [2009].

ALMEIDA, Ludmila Pereira de. *Comédia stand-up é coisa de preta ladina: táticas de letramentos abolicionistas de uma epistemologia amefrikana do Humor Negro*. Tese (Doutorado da Faculdade de Letras) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

BRUNER, Jerome. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

BUENO, Winnie. *Imagens de controle – um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins*. Porto Alegre: Zouk, 2020.



- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política de empoderamento*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Ch'ixinakax utxiwa – uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores*. São Paulo: N-1, 2021.
- GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Tradução: Fernanda Miguens, Maurício Barros de Castro e Rafael Maieiro. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 25-49, jan./abr. 2016.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.
- LUGONES, María. Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 9, p. 73-102, dec. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1794-24892008000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-24892008000200006&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 29 jun. 2022.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2010. p. 73-116.
- MENEZES DE SOUZA, Lynn Mário Trindade; DUBOC, Ana Paula Martinez. De-universalizing the decolonial: between parentheses and falling skies. *Gragoatá*, v. 26, n. 56, p. 876-911, 29 set. 2021. <https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i56.51599>
- MIGNOLO, Walter. D. Epistemic Disobedience, Independent Thought and De-Colonial Freedom. *Theory, Culture & Society*, 2009 (SAGE, Los Angeles, London, New Delhi, and Singapore), v. 26, n. 7-8, p. 1-23. DOI: 10.1177/0263276409349275.
- MIGNOLO, Walter. D. Colonialidade – o lado mais escuro da modernidade. Tradução: Marco Oliveira. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 32, n. 94, 2017.
- MORAES, Luiza Beltrão. *Ainda a “Santa” do Rio do Peixe: considerações sobre o curso de um memoricídio*. Dissertação (Mestrado da Faculdade de Letras) –Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.
- NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Jandaia, 2020.
- REZENDE, Waldetes Aparecida. *Santa Dica – história e encantamentos*. Goiânia: Kelps, 2011.
- SANTUÁRIO DE TRINDADE. Campinas, Goiás, 1922-1929.
- VASCONCELLOS, Lauro. *Santa Dica: encantamento do mundo ou coisa do povo*. Goiânia: Ed. da UFG, 1991.

